

Darwin, o Criador, o Criador do Darwinismo

A. Pereira do Lago*

14 de Setembro de 2010

Resumo

Darwin afirma em “Na origem das espécies” que a lei da seleção natural fora impressa na matéria pela ação do Criador. Contudo, talvez possa parecer um consenso hoje que uma crença em milagres seja em si anticientífico. Ao fazer uma pequena revisão histórica do pensamento científico a este respeito procuramos explicar como esta mudança de mentalidade foi formada. Nós mesmos, testemunhas de alguns milagres, “experimentos” diversas vezes repetidos, fazemos aqui um brevíssimo resumo. Apresentamos um relatório detalhado feito por cientista que é testemunha de um milagre.

Introdução

Em carta privada [15] escrita a amigos próximos em 11 de julho de 2008 e tornada pública a 19 de setembro do mesmo ano, fazemos um relato razoavelmente detalhado de vários fatos extraordinários por nós testemunhados e que muito bem poderiam ser chamados de *milagres*. Apresentamos inclusive a foto de alguns nós que espontaneamente surgiram num cordão que foi guardado em ambiente controlado (vide Figura 1). Cada um dos três nós assinalados tem uma história própria. Ainda assim, a história de cada um tem um denominador comum: o nó em questão não existia; o cordão foi guardado em ambiente controlado; quando o cordão foi novamente inspecionado, o novo nó se mostrou presente.

Não é necessário ser um especialista em Topologia Matemática para concluir aquilo que o próprio bom senso indica: não há chance de que estes nós venham a aparecer espontaneamente. Se se puder confiar no relato feito, uma pergunta que naturalmente se coloca é:

Qual a origem dos nós? Um milagre, como relatado? Que diz a ciência disto?

Talvez hoje possa parecer que qualquer afirmativa a favor de um milagre, pareça anticientífico...

Há um século e meio atrás, por exemplo, não era assim, a não ser talvez na mente de uma minoria, ainda que bastante influente... Sem pretender esgotar a questão, este breve texto pretende tratar rapidamente desta questão.

*Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo. Revisão: 08 de dezembro de 2010. Texto armazenado em <http://www.ime.usp.br/~alair/FilomenaAndTheKing/Darwin.pdf>



Figura 1: Os dois nós numa ponta e os três na outra existiam já desde a confecção do cordão. Os três nós comentados apareceram espontaneamente, prenunciando a concepção da FILOMENA, a concepção do GABRIEL e o fim do Silêncio após minha COMUNICAÇÃO a respeito da concepção da Filomena ser completa. Descrição completa em [15].

Darwin, o Criador

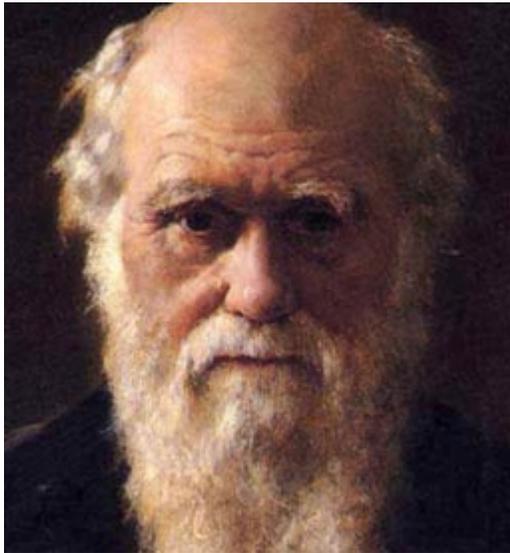


Figura 2: Charles Darwin

Parece talvez consenso hoje que a teoria da evolução de Darwin, formulada originalmente em seu livro [13] “Na origem das espécies”, e que ano passado completou 150 anos de publicação, seja uma espécie de demonstração da não existência do Criador. Poucos porém que assim dizem leram o trabalho original de Darwin. Ainda que também eu não tenha lido o trabalho completo, o pouco que li me permite afirmar que este consenso está mais próximo a uma superstição inverídica que se tornou dogmatizada tantas vezes que foi repetida por aqueles que nela acreditam que propriamente da verdade dos fatos.

Iniciando o parágrafo conclusivo de seu famoso trabalho “A Origem das Espécies”, publicado em 1859, Charles Darwin mais parece um monge a contemplar a beleza da criação. Textualmente diz:

“It is interesting to contemplate a tangled bank, clothed with many plants of many kinds, with birds singing on the bushes, with various insects flitting about, and with worms crawling through the damp earth, and to reflect that these elaborately constructed forms, so different from each other, and dependent upon each other in so complex a manner, have all been produced by laws acting around us.”

É verdade, Charles Darwin menciona que a criação deriva das “leis que agem ao nosso redor” (“laws acting around us”) no último parágrafo da obra, leis estas que ele acredita revelar em seu trabalho, ainda que não pretenda esgotá-las. Se Darwin contempla a beleza e a verdade destas leis, no próprio parágrafo precedente ele é claro em afirmar de onde procedem estas leis, de onde por consequência deriva a criação:

“laws impressed on matter by the Creator”...

O Darwinismo autêntico de Darwin era criacionista! Darwin acreditava em milagres,... atos supremos de Deus. Contemplando as leis que regem a criação, ele contemplava o Criador, o Criador das leis, o Criador da criação! A ciência bem feita nos leva à contemplação da criação, das leis que a rege, e do próprio Criador. A ciência mal feita, a ciência dos fracos, a ciência dos maus cientistas, não sobrevive, é fadada à morte e à extinção. Este é o Juízo Final que Darwin mesmo daria a todos os maus cientistas que colocaram em sua boca o que ele mesmo não disse!

Huxley, o criador do darwinismo

Contudo, houve uma mudança de mentalidade... Hoje Darwin seria expulso da Academia! Um dos mais famosos e aguerridos defensores de Darwin e suas teorias, e que também cunhou o termo “agnóstico” para definir sua experiência religiosa, foi Thomas Henry Huxley. Em abril de 1860, em artigo no jornal “Westminster Review”, Huxley cunhou o termo Darwinismo. Muito influente, fundou também um grupo chamado “X-club”, bastante polêmico em sua visão científica, e que foi autor de diversos dos artigos da época inicial da revista “Nature”, fundada em 1869, e que hoje é um dos periódicos científicos mais reconhecidos no mundo. Huxley foi um trabalhador inveterado no sentido de separar a ciência da teologia. Thomas Huxley, foi pai de Leonard Huxley, que teve três filhos muito famosos: os irmãos Julian, Aldous e Andrew Huxley. O fisiologista Andrew Huxley, o filho mais novo do escritor Leonard, recebeu prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina em 1963 [33]. Aldous Huxley é o famoso escritor que escreveu sobre um “Admirável Mundo Novo”, em que um ditador todo poderoso governaria o mundo [24]. Parte deste poder antes inimaginável lhe era conferido pela administração de uma droga criada pelas mãos do próprio homem, de forma a conferir felicidade a todos, atingindo assim facilmente um controle totalitário sobre cada indivíduo.

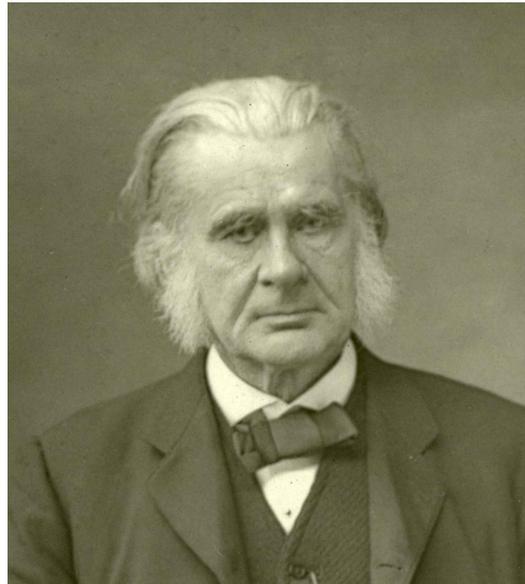


Figura 3: Thomas Huxley

Huxley, o criador do neodarwinismo

Julian, médico, muito mais que um grande cientista, foi um grande divulgador científico, em particular da teoria da evolução de Darwin, como também da eugenia, cuja origem normalmente é atribuída a Francis Galton, primo de Charles Darwin, que em 1863 teorizou que teríamos uma nova primavera se pessoas talentosas somente se casassem com pessoas talentosas. Foi vice-presidente da sociedade britânica de eugenia de 1937 a 1944 bem como seu presidente de 1959 a 1962. Seu livro “Evolution: the Modern Synthesis”, de 1942, é considerado talvez o grande marco da difusão de uma nova espécie de darwinismo, o hoje chamado neodarwinismo [26]. Julian busca a síntese da genética de Mendel (monge e sacerdote católico que viveu no mosteiro agostiniano de Old Brno, hoje república Tcheca, então Império Austro-Húngaro) à evolução de Darwin que aprendeu de seu avô e de seu pai Leonard. Esta, porém, não foi a única herança recebida. Acreditava piamente no progresso, “let us not forget that it is possible for progress to be achieved”, como se pode ler na página 578, que conclui seu livro. Também ali contrapõe a este objetivo a educação aos valores eternos:

“Another struggle still in progress is between the idea of a purpose directed to a future

life in a supernatural world, and one directed to progress in this existing world. Until such major conflicts are resolved, humanity can have no single major purpose, and progress can be but fitful and slow.” ([26], p.578)

Se Julian acreditava ser a evolução a nova síntese do conhecimento a respeito do homem, ele acreditava ser o progresso a meta a ser perseguida. O que ele julgava ser apenas mitologia, era então identificado como impecílio a um rápido progresso, como continua no parágrafo em questão:

“Before progress can begin to be rapid, man must cease being afraid of his uniqueness, and must not continue to put off the responsibilities that are really his on the shoulders of mythical gods or metaphysical absolutes.” (p.578)

Huxley, o criador da UNESCO



Figura 4: Julian Huxley

Este neodarwinismo tão bem difundido por Huxley, não crê em milagres. Religião é um impecílio à ciência e ao progresso, e deve ser afrontada. Esta era a sua crença. Mais que simples crença, foram estas as diretrizes filosóficas que Julian traçou para a UNESCO, órgão das Nações Unidas que vem guiando a educação, a ciência e a cultura mundiais nos últimos 60 anos. No documento [27] “UNESCO, seus propósitos e sua filosofia”, publicado em 1946, e assinado por Julian Huxley, em nome da comissão preparatória da UNESCO, à página 37 temos:

“It [UNESCO] must disregard or, if necessary, oppose unscientific or anti-scientific movements, such as anti-vivisectionism, fundamentalism, belief in miracles, crude spiritualism, etc. In order to do this effectively, widespread popular education is required...” ([27], p.37)

Além de serem estas as diretrizes traçadas por Julian para a UNESCO, Julian foi também o seu primeiro diretor, de 1946 a 1948. Desde então, formada com esta mentalidade, com os poderes que possui, a UNESCO, em conformidade com aqueles poderes que confiaram a Huxley a tarefa de preparar sua carta filosófica, vem fomentando uma educação para a população mundial, a começar pelos cientistas, em que qualquer relato de milagre é desacreditado como anticientífico! *A priori*. É anticientífico acreditar em milagres! Da mesma forma que uma mentira repetida muitas vezes passa a ser tomada por verdade, isto vem se tornando um dogma em nossa cultura...

Talvez se possa julgar que os poderes de uma UNESCO não sejam tão grandes a ponto de educar e unir toda a população mundial numa mesma *mentalidade mundial previamente programada por uma pequena elite*. A visão de Huxley era muito clara de que este fim deveria ser perseguido:

“It will be one of the major tasks of the Philosophy division of Unesco to stimulate, in conjunction with the natural and the social scientists, the quest for a restatement of morality that shall be in harmony with modern knowledge and adapted to the fresh functions imposed on ethics by the world of today. Still more generally, it will have to stimulate the quest, so urgent in this time of over-rapid transition, for a world philosophy, a unified and unifying background of thought for the modern world.” ([27], p.41)

Os meios para se alcançar este fim também lhe eram claros, a opinião pública deveria ser formada, deveriam ser utilizados os meios de comunicação de massa, a propaganda, os jornais, revistas, livros, o cinema, rádio, a música, as artes:

“Taking the techniques of persuasion and information and true propaganda that we have learnt to apply nationally in war, and deliberately bending them to the international tasks of peace, if necessary utilising them, as Lenin envisaged, to “overcome the resistance of millions” to desirable change. Using drama to reveal reality and art as the method by which, in Sir Stephen Tallent’s words, “truth becomes impressive and a living principle of action,” and aiming to produce that concerted effort which, to quote Grierson once more, needs a background of faith and a sense of destiny. This must be a mass philosophy, a mass creed, and it can never be achieved without the use of the media of mass communication. Unesco, in the press of its detailed work, must never forget this enormous fact.” ([27], p.60)

As ambições do projeto apresentado por Huxley não eram poucas. Para se atingir o progresso almejado, a humanidade deveria ser unida, unificada, inclusive politicamente. Num mundo dividido entre leste e oeste, capitalismo e comunismo, individualismo e coletivismo, cristianismo e marxismo, Huxley acreditava que seu humanismo evolutivo unificaria tudo, como se pode ler na conclusão do documento.

Se as ambições eram totais, o poder deveria ser, permita-nos dizer assim, totalitário... O próprio interesse no método científico e nas ciências sociais não era apenas acadêmico. Não tinha o mesmo ar contemplativo que o último parágrafo da obra citada de Darwin... Era também um meio de se alcançar o conhecimento necessário que lhe permitisse alcançar o controle sobre a realidade social. Nesta perspectiva a ciência não passa de instrumento de poder. O próprio cientista não passa assim de pura massa de manobra. Em particular, o conhecimento das ciências sociais era ambicionado como meio que viabilizasse um controle sobre a população, da mesma forma como a mecânica de Newton permitiu ao homem controlar suas máquinas.

“The scientific method has firmly established itself as the only reliable means by which we can increase both our knowledge of and our control over objective natural phenomena. It is now being increasingly applied, though with modifications made necessary by the different nature of the raw material, to the study of man and his ways and works,

and in the hands of the social sciences is likely to produce an increase in our knowledge of and control over the phenomena of human and social life, almost as remarkable as that which in the hands of the natural sciences...” ([27], p.34)

A formação de uma mentalidade única, de um único propósito, traria a unidade que aceleraria o processo que nos conduz à meta desejada. A unidade política, o governo mundial, uma etapa necessária para se alcançar a meta.

“in its educational programme it can stress the ultimate need for world political unity and familiarise all peoples with the implications of the transfer of full sovereignty from separate nations to a world organisation.” ([27], p.13)

Que meta era esta, que justificaria as pretensões de redefinir a moralidade a ser inculcada nas massas, numa espécie de lavagem cerebral globalizada, uma meta que justificaria uma revolução na mentalidade e em todo o sistema político mundiais, em função da qual as próprias soberanias de cada país e a cultura de cada nação seriam sacrificadas?

Ó progresso evolutivo, a onde sou conduzido?

A meta tão almejada era o progresso evolutivo (“evolutionary progress”). O homem, seu único herdeiro, por algum motivo desconhecido a um leitor como nós, parece ter sido condenado a alcançá-la no tempo mais curto possível:

“Of special importance in man’s evaluation of his own position in the cosmic scheme and of his further destiny is the fact that he is the heir, and indeed the sole heir, of evolutionary progress to date. When he asserts that he is the highest type of organism, he is not being guilty of anthropocentric vanity, but is enunciating a biological fact. Furthermore, he is not merely the sole heir of past evolutionary progress, but the sole trustee for any that may be achieved in the future. From the evolutionary point of view, the destiny of man may be summed up very simply: it is to realise the maximum progress in the minimum time. That is why the philosophy of Unesco must have an evolutionary background, and why the concept of progress cannot but occupy a central position in that philosophy. The analysis of evolutionary progress gives us certain criteria for judging the rightness or wrongness of our aims and activities,... Again, even knowledge that appears to be wholly beneficent can be applied in such a way that

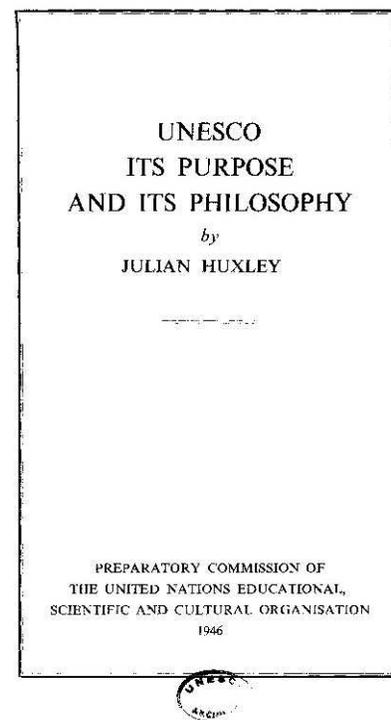


Figura 5: Carta Filosófica preparada por Huxley para a UNESCO

it does not promote progress. Thus, the application of medical science may increase the number of human beings in a given area but lower their quality or their opportunities for enjoyment of life; and if so, in the light of our basic criterion of evolutionary direction, it is wrong. [...] Unesco policy would have to include, besides the application of medical science, [...] also the provision of birth-control facilities.” ([27], p.12)

De fato o progresso evolutivo, segundo esta filosofia, é o conceito chave e o critério de juízo, a ponto de se decidir o que é o certo e o que é errado, o ponto de comparação de cada política da UNESCO,

“In general, Unesco must constantly be testing its policies against the touchstone of evolutionary progress.” ([27], p.13)

mas também eventualmente sobre o direito a assistência médica ou não, sem esquecer de usar a máquina de propaganda,

“it seems likely that the dead weight of genetic stupidity, physical weakness, mental instability, and disease-proneness, which already exist in the human species, will prove too great a burden for real progress to be achieved. Thus even though it is quite true that any radical eugenic policy will be for many years politically and psychologically impossible, it will be important for Unesco to see that the eugenic problem is examined with the greatest care, and that the public mind is informed of the issues at stake so that much that now is unthinkable may at least become thinkable.” ([27], p.21)

O próprio direito à vida ou não daqueles que são os pesos-mortos, (aqueles que não fazem mais que diminuir a qualidade do patrimônio genético mundial), o próprio direito de nascer, além das soberanias nacionais, tudo é sacrificável, em função da promessa de que um progresso evolutivo construído não pela seleção natural, lei impressa na matéria pelo Criador, como escreveu Darwin em sua obra principal, mas pelas próprias mãos do homem, através de políticas eugênicas radicais.

Para se entender melhor sobre o que vem a ser meta, é útil considerarmos o capítulo último do livro de Julian Huxley [26], todo ele dedicado ao progresso evolutivo. Ao discutir sobre o futuro desejado para a este progresso evolutivo, que passaria por um melhoramento genético da espécie humana, delinea-se a meta do incremento da inteligência e o autodomínio das emoções.

“such an advance will be increased intelligence, which as A. Huxley (1937, p.265) has stressed, implies greater disinterestedness and fuller control of emotional impulse.” ([26], p. 573)

Julian também cita ali outras qualidades interessantes do pensamento do irmão Aldous. Como porém produzir tal avanço? Que estratégia usar? Se por um lado aqui agiram em sintonia, as formas investigadas e priorizadas na estratégia de se alcançar a meta se mostrarão bastante distintas, ainda que um tanto quanto convergentes em diversos momentos. De certa forma, cada um faz aqui a sua própria opção, percorre o seu próprio caminho. A opção que fizera Julian Huxley fora aquela de quem opta por possuir e controlar tudo, decidir o destino da humanidade com as próprias mãos, no tempo mais curto possível...

A opção totalitária

Continuando do ponto onde paramos no pensamento de Julian, logo na página seguinte ele externa uma estratégia bastante radical tantas vezes recorrente no pensamento dos defensores da eugenia.

“Meanwhile there are many obvious ways in which the brain’s level of performance could be genetically raised — in acuteness of perception, [...] If for all these attributes of mind the average of our population could be raised to the level now attained by the best endowed ten-thousandth or thousandth, that would be a far-reaching evolutionary significance. Nor is there any reason to suppose that such quantitative increase could not be pushed beyond its present upper limits.” ([26], p. 574)

O Homem, conforme a filosofia que formou o órgãos máximo no mundo responsável pela educação, ciência e cultura da humanidade, é impaciente com a lei da seleção natural, segundo Darwin impressa na matéria pelo Criador. Esta antropologia, afoita em construir no tempo mais curto possível a meta desejada, justifica-se a ponto de arrogar para si o direito de decidir em massa quem deva viver, quem deva fazer parte do estoque reprodutor, quem não. Isto tem a perspectiva de uma catástrofe, e as frequentes denúncias de esterilização massiva de populações pobres, bem como a divulgação de documentos secretos dos governos como o relatório Kissinger [32], preocupado em disseminar métodos contraceptivos, inclusive a aceitação do aborto, em cerca de trinta países, inclusive o Brasil, é só uma das demonstrações de que esta filosofia vem sendo executada em nossa cultura sempre mais globalizada já há bastante tempo.

“The recognition of the idea of an optimum population-size (of course relative to technological and social conditions) is an indispensable first step towards that planned control of populations which is necessary if man’s blind reproductive urges are not to wreck his ideals and his plans for material and spiritual betterment.” ([27], p.45)

Só nos resta esperar que o domínio das emoções advindo, quem sabe, de um misterioso progresso evolutivo, traga um pouco mais de equilíbrio, respeito, e porque não dizer, amor (um pouco mais que “greater disinterestedness”), àquelas mentes iluminadas que, como Julian Huxley, tem atribuído a si mesmas a responsabilidade de decidir os destinos deste desejado progresso evolutivo...

Se Huxley cita várias vezes a ciência das relações públicas, Edward Bernays é considerado o pai desta ciência contemporânea. Sobrinho de Freud e estudioso da psicologia das massas,



Figura 6: Thomas, Leonard, Julian Huxley

publicou logo na introdução de seu livro Propaganda [3], de 1928, que até o nosso pensamento ético é definido por poucos.

“The conscious and intelligent manipulation of the organized habits and opinions of the masses is an important element in democratic society. Those who manipulate this unseen mechanism of society constitute an invisible government which is the true ruling power of our country. [...] What ever attitude one chooses to take toward this condition, it remains a fact that in almost every act of our daily lives, whether in the sphere of politics or business, our social conduct or our ethical thinking, we are dominated by a relatively small number of persons, a trifling fraction of our hundred and twenty million, who understand the mental processes and social patterns of the masses. It is they who pull the wires which control the public mind, and who harness old social forces and contrive new ways to bind and guide the world.” ([3], p.9)

Se Edward Bernays em 1928 já afirmava que o nosso pensamento ético era dominado por uma pequeniníssimo número de pessoas, bem pudemos ver aqui ser esta a tarefa atribuída a um pequeno departamento da UNESCO. Também em conformidade com a certeza de Huxley e de Bernays, era aquela do filósofo-matemático Bertrand Russel. Também ele agnóstico, escreve em 1952 a respeito dos impactos da ciência na sociedade [36]:

“It is to be expected that advances in physiology and psychology will give governments much more control over individual mentality than they now have even in totalitarian countries. Fichte laid it down that education should aim at destroying free will, so that, after pupils have left school, they shall be incapable, throughout the rest of their lives, of thinking or acting otherwise than as their schoolmasters would have wished. But in his day this was an unattainable ideal: what he regarded as the best system in existence produced Karl Marx. In future such failures are not likely to occur where there is dictatorship. Diet, injections, and injunctions will combine, from a very early age, to produce the sort of character and the sort of beliefs that the authorities consider desirable, and any serious criticism of the powers that be will become psychologically impossible. Even if all are miserable, all will believe themselves happy, because the government will tell them that they are so.” ([36], p.61)

Por conta de suas contribuições ao pensamento científico, Bertrand Russel foi premiado em 1957 com o prêmio Kalinga, conferido pela Unesco. Se a formação desta mentalidade globalizada é dirigida por poucos, é também fato que não se pode esperar que haja transparência nestas decisões que concernem a mentalidade que nos vem sendo inculcada em nossas cabeças. O próprio Bertrand Russel recomenda isto.

“Although this science will be diligently studied, it will be rigidly confined to the governing class. The populace will not be allowed to know how its convictions were generated. When the technique has been perfected, every government that has been in charge of education for a generation will be able to control its subjects securely without the need of armies or policemen [...]” ([36], p.41)

Huxley não foi apenas o primeiro diretor da UNESCO e o homem escolhido por aqueles que a formaram de preparar a carta filosófica que a nortearia nestes pouco mais de 60 anos. Julian Huxley, foi também premiado em 1953 com o prêmio Kalinga, conferido pela UNESCO a grandes personalidades do campo científico. Com frequência suas ideias são reavivadas, como nas festividades de 30 anos da UNESCO. Desde então, muito do que antes pareceria impensável (unthinkable) vem sendo assimilado pela mentalidade comum a tal ponto que cientistas que defendem uma drástica redução populacional (como a eliminação de 90% dela) não somente sejam premiados, como também ovacionados pela comunidade científica presente ao defender suas particulares medidas eugênicas radicais [30]. (Convém mencionar que é fácil encontrar menções à mesma “taxa ideal de redução populacional” em outras diversas personalidades mundiais...)

Entre as tarefas desta pequena elite, aquela de definir um novo pensamento ético. Compatibilizado com as verdades promulgadas como tais pelos cientistas premiados e as pretensões de poder daqueles que governam os governantes e os cientistas. Uma nova moralidade, compatível com sua própria filosofia. Segundo esta filosofia, a crença em milagres é anticientífico. *A priori*. Em função de uma nova utopia, o progresso evolutivo como apresentado por Julian Huxley na carta que tem guiado a educação, a ciência e a cultura mundiais nos últimos 60 anos, a mentalidade mundial previamente programada por esta pequena elite vem sendo aos poucos inculcada em nosso modo de agir. Há que se mudar os paradigmas que vêm guiando a ciência, a educação e a cultura mundiais. É tempo de um novo renascimento. O renascimento da razão, que não se fecha à realidade como ela é, mas que se abre à realidade, mesmo que ela se mostre como Mistério, como contendo algo de incomensurável, que escape à medida limitada da própria razão humana. Não nos convém tornarmo-nos expectadores de um espetáculo de proporções catastróficas.

A opção nihilista

Se no pensamento de Julian Huxley acima visto, a experiência religiosa não tem lugar, antes é anticientífica e merece ser contraposta, ele justamente observa no pensamento de seu irmão Aldous algumas das características almejadas para a evolução desejada. Aldous Huxley fala às páginas 264 e 265 de seu livro [25] de um progresso genuíno desejável para a evolução do homem e coloca o controle das emoções como condição para que a inteligência possa funcionar corretamente. Aldous continua a perseguir este auto-controle e faz sua busca nas páginas seguintes de sua obra. É movido por um desejo insaciável... Não se satisfaz com as limitações tão evidentes da ciência e dos cientistas, e critica sua tão frequente pretensão de unificiência.

“In the arts, in philosophy, in religion men are trying to describe and explain the non-measurable, purely qualitative aspects of reality. Since the time of Galileo, scientists have admitted, sometimes explicitly, but much more often by implication, that they are incompetent to discuss such matters. The scientific picture of the world is what it is because men of science combine this incompetence with certain special competences. They have no right to claim that this product of incompetence and specialization is a complete picture of reality. As a matter of historical fact, however, this claim has constantly been made.”

Não se satisfaz com a ciência tão fragmentada dos cientistas, que fazem da pesquisa álibi para fugir às responsabilidades da vida.

“artistic creation and scientific research may be, and constantly are, used as devices for escaping from responsibilities of life. [...] Our universities possess no chair of synthesis.” ([25], p. 276)

Aldous debruça-se sobre a experiência de tantos místicos, ocidentais e orientais, que alcançam um nível acentuado de controle das emoções e um equilíbrio da razão. Admira e reconhece a experiência de autodomínio (“super-rational concentration of the will”) feita pelo místicos. Ele mesmo se põe a refutar aqueles que contestem esta experiência.

“Non-mystics have denied the validity of the mystical experience, describing it as subjective and illusory. But it should be remembered that, to those who have never actually had it, any direct intuition must seem subjective and illusory.” ([25], p. 287)

Ele argumenta que seja necessário um treinamento, tal qual é necessária uma educação musical para que algum indiano possa apreciar a música clássica europeia.

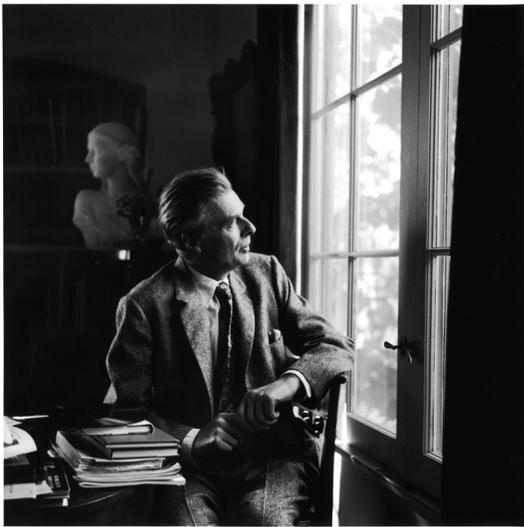


Figura 7: Aldous Huxley

Aldous Huxley debruça-se também sobre a questão da existência de um significado último ou não da realidade. Debruça-se sobre várias das demonstrações da existência de Deus que a Filosofia nos proveu. Se Aldous reconhecia ser necessária uma educação para que se pudesse valorizar a experiência de um místico, a herança educativa que recebeu parece definir não somente o ponto de partida de sua busca como também o de chegada. À hipótese de um Criador que teria projetado todo o Universo, prefere acreditar que o acaso e a lei da seleção natural (“the result of natural selection working blindly”, [25], p. 278) tenham nos conduzido aos dias de hoje. Havia sido educado a não mais aceitar a hipótese de Deus. Prefere o mundo dos sem sentido, opta pelo nihilismo.

“Does the world as a whole possesses value and meaning [...]; and, if so, what is the nature of that value and meaning? [...] I took it for granted that there was no meaning. This was particularly due to the fact that I shared the common belief that the scientific picture of an abstraction from reality was a true picture of reality as a whole; partly also to other non-intellectual reasons. I has motives for not wanting the world to have a meaning; consequently assumed it had none [...] We don’t know because we don’t want to know. It is our will that decides how and upon what subjects we shall use our intelligence. Those who detect no meaning in the world generally do so because, for one reason or another, it suits their books that the world should be meaningless.” ([25], p. 269-70)

Talvez por uma infelicidade, talvez por uma opção, talvez por insuficiência da fonte onde foi buscar as informações a este respeito, Huxley tenha equivocadamente julgado que a conclusão convergente de tantos místicos era de que o Mistério, a realidade última, era essencialmente impessoal.

“Systematic training in recollection and meditation makes possible the mystical experience, which is a direct intuition of ultimate reality. At all times and in every part of the world, mystics of the first order have always agreed that this ultimate reality, apprehended in the process of meditation, is essentially impersonal.” ([25], p.293)

Talvez possa parecer irônico, se porém Aldous sabia ser um crítico ácido da ciência e do cientista, de sua incompetência em explicar o incomensurável e a realidade última, foi confiar à ciência dos bioquímicos a satisfação de sua felicidade. Suas esperanças numa droga como a soma de Admirável Mundo Novo, a lhe trazer a felicidade, não pareciam ser apenas ficção. Em “The doors of perception”, 1954, e em “Heaven and Hell”, 1956, Aldous descreve sua experiência com drogas psicodélicas e defende o uso do LSD e da mescalina como forma por ele julgada mais eficiente e sem efeitos colaterais de se atingir mais rapidamente a experiência mística por ele tão desejada. Sua opção nihilista não lhe permitia ir à busca do transcendente. O grupo de rock “The Doors” é batizado com este nome por causa do livro, e Huxley torna-se uma espécie de guru do movimento Hippie. Doente de câncer, Aldous morre a 22 de novembro de 1963. Sem poder falar, escreve um bilhete a Laura, sua mulher, fazendo o seu último pedido: LSD, 100 microgramas [28].

Uma amizade que surpreende

Convidado a escrever uma introdução para o livro “The Phenomenon of Man” [14] do sacerdote jesuíta Teilhard de Chardin, paleontólogo reconhecido e defensor de uma conciliação entre a teoria da evolução com a figura do Criador, Julian Huxley escreve em 1958 a respeito de seu diálogo e amizade com o sacerdote francês. Fruto desta amizade talvez, depois de cerca de dez anos de trocas de correspondências, suas palavras talvez tenham parecido irreconhecíveis para muitos que estavam acostumados ao pensamento de Julian Huxley. Custou-lhe muitas críticas. Neste diálogo, neste relacionamento, lhe parece possível uma reconciliação e colaboração antes talvez impensada entre a própria religião e a ciência:

“It was my privilege to have been a friend and correspondent of Pere Teilhard for nearly ten years; and it is my privilege now to introduce this, his most notable work, to English-speaking readers.



Figura 8: Pierre Teilhard de Chardin

His influence on the world's thinking is bound to be important. Through his combination of wide scientific knowledge with deep religious feeling and a rigorous sense of values, he has forced theologians to view their ideas in the new perspective of evolution, and scientists to see the spiritual implications of their knowledge. He has both clarified and unified our vision of reality. In the light of that new comprehension, *it is no longer possible to maintain that science and religion must operate in thought-tight compartments or concern separate sectors of life; they are both relevant to the whole of human existence.* The religiously-minded can no longer turn their backs upon the natural world, or seek escape from its imperfections in a super-natural world; nor can the materialistically-minded deny importance to spiritual experience and religious feeling. ([14], p.26)

[...]

As a result, new and often wholly unexpected possibilities have been realised, the variety and degree of human fulfilment has been increased. Pere Teilhard enables us to see which possibilities are in the long run desirable. What is more, he has helped to define the conditions of advance, the conditions which will permit an increase of fulfilment and prevent an increase of frustration. The conditions of advance are these: global unity of mankind's noetic organisation or system of awareness, but a high degree of variety within that unity; love, with goodwill and full cooperation; personal integration and internal harmony; and increasing knowledge.

[...]

We, mankind, contain the possibilities of the earth's immense future, and can realise more and more of them on condition that we increase our knowledge and our love. That, it seems to me, is the distillation of *The Phenomenon of Man.*" ([14], p.28)

O destino da humanidade era sempre objeto de interesse de Julian Huxley. O conhecimento e o amor como condições essenciais para um destino bom, eram a essência daquilo que Julian Huxley encontrou na obra do amigo Pierre Teilhard de Chardin. Ainda que sem eliminar as contradições do pensamento e das condutas tão próprias do homem, aparentemente esta amizade abriu a Julian portas para uma percepção de um significado que seu irmão Aldous aparentemente não quis ver abertas. Esta experiência de amor, destino de um autêntico progresso evolutivo, não poderia ser reduzido meramente à química, ou a outra nossa forma de conhecimento.

A experiência surpreendente de Paz descrita por fruto deste amor, condição para a evolução juntamente com o conhecimento, merece ser descrito por quem entende desta Paz e deste Amor. Alguém que, além de tudo, é testemunha de uma experiência mística que Aldous Huxley não pôde encontrar.

Um amor que surpreende

É difícil afirmar o amor como essencial ao desenvolvimento da humanidade quando se julga que o progresso evolutivo possa ser critério de discernimento entre o certo e o errado, a ponto de se

julgar errado preservar a vida daqueles que diminuem a qualidade média do patrimônio genético da espécie humana... Na sociedade indiana, dividida em castas, com frequência os indivíduos das castas inferiores são abandonadas à morte como se fossem animais à beira da estrada... O trabalho das missionárias da caridade, ordem religiosa fundada por irmã Teresa de Calcutá, se resume tantas vezes a dar assistência digna a tantos destes moribundos, sem olhar cor, sexo, nem tampouco religião. São conhecidas as palavras de um destes moribundos que pouco antes de morrer disse: “Vivi como um animal, agora morro como um anjo, amado e cuidado.”



Figura 9: Irmã Teresa de Calcutá

Este trabalho, tantas vezes aparentemente sem retorno, sem frutos, um dia também foi prestigiado. Irmã Teresa de Calcutá recebeu o prêmio Nobel da Paz de 1979. No discurso feito à hora de receber o prêmio [18], fala justamente da experiência que faz diante de tantos que sofrem pelo desamor, bem como fala de tantas experiências de amor que lhe foram testemunhadas justamente pelos miseráveis. O relato de uma família faminta de hindus que divide sua miserável porção de comida com uma família muçulmana igualmente faminta é sinal de esperança e de Paz muito mais que tantos tratados assinados por aqueles que partilham o poder sobre as nações. Uma verdadeira aula sobre o que é o amor, de um amor que aceita o sacrifício, não apenas um amor de slogans e palavras. Se notícias como estas ganhassem os jornais, sem demagogia nem propaganda, que mundo diferente seria o nosso! Este desamor não se manifesta apenas nas necessidades elementares dos miseráveis. Teresa de Calcutá descreve também tantas situações do cotidiano onde o amor é ausente. Esta

lacuna, a falta de amor, é a maior ameaça à Paz, ela diz, com argumentos convincentes e proféticos. O desamor de nossos dias, começando-se em nossas casas, é a profecia de uma mortandade sem precedentes. Seu discurso inteiro merece ser lido, refletido. Infelizmente, fugiria aqui ao nosso escopo tratá-lo. Faço porém mais uma citação literal.

“Around the world, not only in the poor countries, but I found the poverty of the West so much more difficult to remove. When I pick up a person from the street, hungry, I give him a plate of rice, a piece of bread, I have satisfied. I have removed that hunger. But a person that is shut out, that feels unwanted, unloved, terrified, the person that has been thrown out from society - that poverty is so hurtful and so much, and I find that very difficult.”

(É de se perguntar sobre que nível de pobreza esperar diante de políticas mundiais tão calcadas no progresso evolutivo, alçado aos altares de uma nova utopia, idealizado pelos defensores de medidas eugênicas radicais.)

Pois bem, se por um lado sua ação é operativa, social, irmã Teresa não define o seu carisma como tal, mas contemplativo dentro do cotidiano do homem globalizado social. Esta contemplação da realidade do outro, esta comoção diante da realidade que grita, compartilhando suas dores,

muito mais que uma ação filantrópica, é uma contemplação do próprio Mistério: o amor. O amor por um moribundo, ensanguentado, misteriosamente coincide com o amor por um bandido crucificado... É uma ação voltada ao outro, que nasce de uma contemplação e se alimenta na oração. É, por que não dizer, uma experiência mística, cheia de paz, de amor, que Aldous Huxley terá talvez tão sonhado encontrar em sua busca. Tal carisma dado a irmã Teresa, nasceu de um convite feito dentro de um diálogo com o próprio Mistério. O dia decisivo, 10 de setembro de 1946, ficou simplesmente conhecido dentro de sua ordem como “o dia da inspiração”, pois dali veio a inspiração da criação da ordem das irmãs missionárias da caridade. Sempre discreta a este respeito, as circunstâncias deste dia foram conhecidas por muito poucos: seu bispo e seus diretores espirituais, fundamentalmente. Não fez alarde, guardou segredo, até porque sua tarefa era outra... Quando foi necessário falar, deu detalhes. Abaixo está um trecho da carta que escreveu ao bispo de Calcutá a 13 de janeiro de 1947, para justificar-se de por que motivo tinha tanta pressa em criar uma nova ordem religiosa naquela cidade:

“I tried to persuade our Lord that I would try to become a very fervent holy Sister of Loreto, a true victim here, in this vocation. But the answer came once again very clearly, ‘I want Indian Missionary Sisters of Charity, to be my fire of love among the poorest, the ill, the dying, the street children. They are the poor that you are to bring to Me; and Sisters who offered their lives as victims of my love would bring these souls to Me. I know that you are the most inept, weak, and sinful person, but precisely because you are this way, I want to use you for my glory! Will you refuse?’ These words, or rather that voice, frightened me. The idea of eating, sleeping, and living like the Indians filled me with trepidation. I prayed for a long time. I prayed so hard, I asked our mother Mary to ask Jesus to take all this away from me. The more I prayed, the clearer the voice in my heart became, and so I asked Him to do with me whatever He willed.” ([40], p.49; [41])

Esta e outras cartas vieram a público já em 2003 [41], e se encontram compiladas no livro [40] de Brian Kolodiejchuk publicado em 2007. Kolodiejchuk é padre missionário da caridade desde 1984 e conviveu com irmã Teresa de 1977 até o ano de sua morte, 1997. Nestas cartas revela-se parte da intimidade do seu próprio relacionamento com o Mistério. Das orações, surgem diálogos.

Mesmo depois de uma manifestação tão efusiva, capaz de fazer qualquer apaixonado delirar de tanto amor, depois de alguns anos, irmã Teresa passa a experimentar o que um místico de primeira grandeza como São João da Cruz veio a chamar de “a noite escura da alma”, como trata o décimo capítulo do livro de Kolodiejchuk. Excepcionalmente talvez, esta noite escura parece ter durado onze anos para irmã Teresa... É como se o amor da tua vida aparecesse, tornasse-se presente, mas fosse embora, desaparecesse sem dar notícias. Por onze anos, irmã Teresa passa a viver da memória dos primeiros encontros. Passa ela a compartilhar não somente a miséria de tantos dos pobres com quem conviveu, passa ela a compartilhar também da mesma ausência de Deus que a grande maioria de nós vive, das mesmas dores de Jesus no jardim das oliveiras. Ainda que com frieza interna, não perde uma missa, os momentos comunitários de oração. Indagada por padre Neuner, então seu diretor espiritual, em abril de 1961 irmã Teresa escreve com detalhes um relato de sua escuridão.

“Now Father
since 49 or 50 this terrible sense of loss
this untold darkness
this loneliness
this continual longing for God
which gives me that pain deep down in my heart.
Darkness is such that I really do not see
neither with my mind nor with my reason.
The place of God in my soul is blank.
There is no God in me.” ([40], p.210)

Mesmo dentro da escuridão completa, ela tem certeza de que a obra que fora prometida no dia da inspiração é cumprida por Ele. Ela percebe ser Ele a colocar as palavras necessárias em sua boca e realizar a obra que ela não seria capaz de realizar. Esta percepção lhe mantém a humildade, mesmo diante de tantas bajulações que o mundo ofereceu a ela, por conta de suas obras. A humilhação de não mais perceber a Presença de seu amado não foi apenas um sofrimento, foi também um meio através do qual Teresa encontrou a humildade necessária para prosseguir na obra para a qual foi designada. Sem a humildade, sem o amor ao próximo que aceita partilhar de seus sofrimentos, ela não seria capaz de alçar grandes voos. Esta consciência é presente a ela na mesma carta em que descreve sua escuridão a padre Neuner, como se pode ler num trecho da sequência.

“He guided every step
directs every movement I take
puts the words in my mouth
makes me teaches the Sisters the way.
All that & everything in me is He.
This is why when the world praises me
it really does not touch
not even the surface
of my soul.
About the work I am convinced it is all He.” ([40], p.211)

Mesmo que diante de uma noite tão escura possa parecer que a própria Divindade seja impessoal, como vimos no pensamento de Aldous Huxley, esta experiência de escuridão vivida por tanto tempo por Teresa de Calcutá não lhe tira certeza do diálogo pessoal que tivera no dia da inspiração e também tão intensamente nos meses subsequentes, como se pode ler na mesma carta, pouco antes de passar a descrever sua escuridão.

“the voice was clear full of conviction [...] as if Our Lord just gave Himself to me to the full. The sweetness & consolation & and union of those 6 months passed but too soon.” ([40], p.209-10).

Já no dia da inspiração sua escuridão de alguma forma se delineia. Naquele mesmo diálogo, como relatado em sua carta ao bispo, Jesus lhe chama a sofrer, provando assim o amor que salva as almas que ele mesmo ama e das quais aguarda um amor puro.

“your vocation is to love and suffer and save souls [...] You did not die for souls, that is why you do not care about what happens to them. [...] I long for the purity of their love [...] For them I long, them I love. You have been always saying ‘do with me what ever you wish’, now I want to act, let me do it, my little Spouse, [...] Wilt thou refuse?” ([40], p.48-9)

Ela mesma havia se oferecido pedindo que Ele fizesse o que quisesse dela. Por isto ela diz que jamais desejou que Ele lhe tirasse aquele sofrimento. Se Ele tinha sede das almas, se as almas tinham sede de Deus, ela também sofreria ao experimentar esta mesma sede. “I thirst”, eu tenho sede, são palavras estampadas em cada capela da ordem fundada por irmã Teresa.

Em sua sede de Deus, eu sua experiência de frieza, tantas vezes irmã Teresa vai buscar calor para o seu coração a partir dos relatos de grandes místicos católicos como São João da Cruz, Santa Margarida Maria Alacoque, a respeito de suas próprias intimidades com Jesus, como se pode perceber em carta de 1962 a seguir. Apercebe-se desamada, não querida, abandonada pelo seu amor, abandonada por Deus. Por isto também ela é capaz de descrever com tanta propriedade aquela pobreza que se vive no ocidente, muito mais difícil de ser curada que com um prato de comida dado ao um pobre de Calcutá.

“I have been reading ‘The Nun’ St, Margaret Mary & the Sacred Heart by Margaret Trouner. Her love for Jesus gave me such a painful longing, [...] The physical situation of my poor left in the streets unwanted, unloved, unclaimed — are all the picture of my spiritual life of my love for Jesus, and yet this terrible pain has never made me desire to have it different — What’s more, I want it to be like this, for as long as He wants it.” ([40], p.232)

Ainda assim, sentindo-se abandonada, desamada, não reclama. Abraça sua cruz, como lhe é dada. Oferece-se ela mesma em sacrifício. Esta consciência em 1962 porém é possível também porque há quem a ajude a ter esta consciência.

Em 1961, seu diretor espiritual traz-lhe algumas luzes que a fazem perceber novamente Deus mesmo que ainda imersa na experiência de escuridão.

“For the first time in 11 years, I have come to love the darkness. [...] More than ever I surrender myself to Him.” ([40], p.214)

Depois de lhe dizer que a experiência de irmã Teresa era aquela mesma noite escura descrita por tantos mestres da espiritualidade, as palavras de padre Neuner que lhe suscitaram tal mudança:

“There is no human remedy against it. It can be borne only in the assurance of God’s hidden presence and of the union with Jesus, who in His passion had to bear the burden and darkness of the sinful world for our salvation. The sure sign of God’s hidden presence in this darkness is the thirst for God, the craving for at least a ray of His light. No one can long for God, unless God is present in his/her heart. The only response to this trial is the total surrender to God and the acceptance of the Darkness in union with Jesus.” ([40], p.214)

Ninguém pode ansiar por Deus, a menos que Deus seja presente em seu coração. Nestas palavras Teresa de Calcutá encontrou muito mais que o remédio que eliminasse sua escuridão, encontrou uma fórmula que simultaneamente lhe permitisse compartilhar com seus pobres sua mesma dor, seu abandono, seu vazio, mas ao mesmo tempo lhe permitisse reconhecer Deus presente neste vazio. Seguindo o seu mais legítimo desejo, era certa de encontrar aquele Mistério capaz de satisfazê-lo. “I thirst” era seu mantra.

Uma separação destinada e terminar em lágrimas

Weiner Heisenberg (prêmio Nobel de física de 1932 com grandes contribuições à física quântica e nuclear) relata em sua autobiografia [22, 21] que no ano de 1927, nos corredores de uma conferência, um grupo de cientistas, entre eles o próprio Heisenberg e Wolfgang Pauli (que se tornou famoso pelo princípio da exclusão de Pauli), põe-se a discutir sobre as fortes convicções religiosas de Einstein.

“Einstein keeps talking about God: what are we to make of that? It is extremely difficult to imagine that a scientist like Einstein should have such strong ties with a religious tradition.” ([22], p.82)

Conforme Heisenberg segue relatando, alguém no grupo comenta que Max Plank não via contradição entre ciência e religião, que as duas coisas eram compatíveis. Contudo, observa-se uma certa compartimentação das duas áreas. A ciência se interessa da realidade objetiva enquanto que a religião da realidade subjetiva. Da ciência deriva a tecnologia, enquanto que da religião a ética. Heisenberg prossegue seu relato e manifesta a memória de sua insatisfação com esta aguda separação entre conhecimento e fé, bem como a forma clara com que Wolfgang Pauli concorda com ele.

“I must confess that I myself do not feel altogether happy about this separation. I doubt whether human societies can live with so sharp a distinction between knowledge and faith. Wolfgang shared my concern. ‘It’s all bound to end in tears,’ he said.” ([22], p.83)

Está tudo fadado a terminar em lágrimas. Além de concordar com Heisenberg, Pauli desenvolve seus argumentos e faz um prognóstico bastante realista dos horrores inimagináveis que temos já experimentado, desde então.

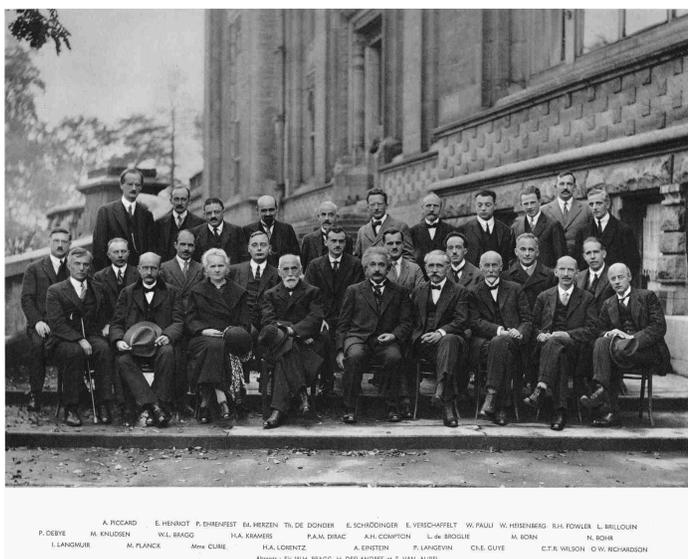


Figura 10: Participantes da Solvay Conference de 1927, Bruxelas. Courtesy dos Institutos Solvay

“In western culture, for instance, we may well reach the point in the not too distant future where the parables and images of the old religions will have lost their persuasive force even for the average person; when that happens, I am afraid that *all the old ethics will collapse like a house of cards* and that unimaginable horrors will be perpetrated. In brief, I cannot really endorse Planck’s philosophy, even if it is logically valid and even though I respect the human attitudes to which it gives rise.” ([22], p.84)

Medidas Eugênicas Radicais, Horrores inimagináveis

Estes horrores inimagináveis causados pela separação entre a ciência e a religião, entre o conhecimento e a fé, vem sendo experimentados em diversas ocasiões desde então. Já no mesmo ano de 1927, o juiz da suprema corte de justiça norte-americana Oliver Wendell Holmes escreveu nos atos a manifestação de sua crença eugenista de que seria melhor executar algum método de forma a eliminar a reprodução de indivíduos da espécie humana manifestadamente inaptos, como os deficientes mentais.

“It is better for all the world, if instead of waiting to execute degenerate offspring for crime, or to let them starve for their imbecility, society can prevent those who are manifestly unfit from continuing their kind. The principle that sustains compulsory vaccination is broad enough to cover cutting the Fallopian tubes. Three generations of imbeciles are enough.” [23]



Figura 11: Viktor Emil Frankl

De fato, a crença na eugenia já vinha se estabelecendo em solo americano, em particular na Califórnia, desde a virada do século. Em seu discurso de 1924, Hitler foi buscar nos eugenistas americanos a sua referência teórica. Quando o nazismo ascendeu ao poder, soube usar a máquina de propaganda a ponto de educar a população a aceitar o que pareceria antes impensável. Também ali as relações públicas e a ciência foram usadas para justificar o injustificável. Felizmente, nem todos submeteram-se feito cordeirinhos à máquina da propaganda pseudocientífica! Viktor Emil Frankl, médico psiquiatra que fundou a logoterapia, foi diretor do pavilhão das mulheres suicidas do hospital psiquiátrico de Viena de 1933 a 1936. Sob a ocupação nazista, sabotou as ordens de levar à eutanásia os doentes mentais sob sua responsabilidade. Sendo de família judia, ele e seus familiares foram enviados aos campos de concentração. Perdeu a mulher, pai e irmão no Holocausto, mas sobreviveu ao campo de concentração de Auschwitz. De forma muito aguçada comenta como o pensamento moderno europeu e sua visão antropológica reductiva pavimentou o caminho das atrocidades nazistas, dos quais ele mesmo e sua família foram vítimas. Ele era convicto de que as câmaras de gás de Auschwitz, Treblinka, and Maidanek foram preparadas em laboratórios de cientistas e filósofos nihilistas.

“If we present a man with a concept of man which is not true, we may well corrupt him. When we present man as an automaton of reflexes, as a mind-machine, as a bundle of instincts, as a pawn of drives and reactions, as a mere product of instinct, heredity and environment, we feed the nihilism to which modern man is, in any case, prone. I became acquainted, with the last stage of that corruption in my second concentration camp, Auschwitz. The gas chambers of Auschwitz were the ultimate consequence of the theory that man is nothing but the product of heredity and environment — or, as the Nazi liked to say, of ‘Blood and Soil’. I am absolutely convinced that the gas chambers of Auschwitz, Treblinka, and Maidanek were ultimately prepared not in some Ministry or other in Berlin, but rather at the desks and in the lecture halls of nihilistic scientists and philosophers.” [19]

De fato, os defensores da eugenia já vinham há muito tempo defendendo o desenvolvimento de métodos científicos e efetivos para a eliminação daqueles indivíduos da espécie humana que abaixavam a média do patrimônio genético mundial. Em seu livro [6] publicado em 1935, Alexis Carrel, prêmio Nobel de medicina de 1912 e desde então trabalhando nos institutos Rockefeller, mostra-se também ele defensor da eugenia e defende o desenvolvimento de métodos de eutanásia muito semelhantes aos que foram usados em Auschwitz, Treblinka e Maidanek. Carrel defende ali que criminosos, aqueles que fraudaram o público em matérias importantes, loucos, deveriam ser descartados em pequenas instituições eutanásicas munidas de gases adequados.

“Criminality and insanity can be prevented only by a better knowledge of man, by eugenics, by changes in education and in social conditions. Meanwhile, criminals have to be dealt with effectively. Perhaps prisons should be abolished. They could be replaced by smaller and less expensive institutions. The conditioning of petty criminals with the whip, or some more scientific procedure, followed by a short stay in hospital, would probably suffice to insure order. Those who have murdered, robbed while armed with automatic pistol or machine gun, kidnapped children, despoiled the poor of their savings, misled the public in important matters, should be humanely and economically disposed of in small euthanasic institutions supplied with proper gases. A similar treatment could be advantageously applied to the insane, guilty of criminal acts. Modern society should not hesitate to organize itself with reference to the normal individual. Philosophical systems and sentimental prejudices must give way before such a necessity. The development of human personality is the ultimate purpose of civilization.” [6]

O desenvolvimento da personalidade humana, ou o progresso evolutivo poderíamos dizer, é o propósito último da civilização. Os sistemas filosóficos e preconceitos sentimentais que venham a se contrapor devem dar passagem. Como Julian Huxley, Alexis Carrel defende em seu livro medidas eugênicas um tanto quanto radicais, inclusive o estímulo ao desenvolvimentos de gênios

“The encouragement of variety of genius, of quality in general, however incomprehensible to the multitude, must be one of the major aims of Unesco.” ([27], p.15)

e a eliminação daqueles que são pesos-mortos à constituição de uma nova aristocracia através da formação de um melhor estoque reprodutor. Estas ideias patrocinadas pela eugenia, tão recorrente no pensamento de Carrel e Huxley, serviu para justificar as medidas eugênicas adotadas no nazismo, como aquelas de eliminar os deficientes, que Victor Frankl sabotou talvez por razões sentimentais, sem se importar com o fato de que elas diminuiriam o patrimônio genético da humanidade.

“Although eugenics may prevent the weakening of the strong, it is insufficient to determine their unlimited progress. In the purest races, individuals do not rise beyond a certain level. However, among men, as among thoroughbred horses, exceptional beings appear from time to time. The determining factors of genius are entirely unknown. [...] The free practice of eugenics could lead not only to the development of stronger individuals, but also of strains endowed with more endurance, intelligence, and courage. These strains should constitute an aristocracy, from which great men would probably appear. Modern society must promote, by all possible means, the formation of better human stock. No financial or moral rewards should be too great for those who, through the wisdom of their marriage, would engender geniuses.” [6]

Se a sociedade moderna deveria promover de todas as formas possíveis a formação de um melhor estoque reprodutor, como no caso de cavalo puro sangue inglês da raça thoroughbred. De fato, Carrel em seu livro, assim como Huxley em sua obra, acredita que a salvação da humanidade vem da eugenia. Carrel deixa explícita no capítulo que conclui seu livro sua crença em uma superciência, formada através de supercientistas, uma espécie de monges ascetas que não fariam nada mais que devorar livros até o momento em que nos seus 50 anos se poriam, com suas luzes, a orientar os governos, democráticos ou ditatoriais.

Um milagre que surpreende um Nobel eugenista

Como vimos antes, não se pode dizer que a antropologia de Carrel, em 1935, seja a mesma de um homem piedoso, que coloca suas responsabilidades sobre os ombros de deuses mitológicos, como escreveu Julian Huxley. De fato foi com um olhar agnóstico que Carrel em 1902 debruçou-se sobre anúncios de milagres, a hipótese de partida era de que se tratavam de casos de histeria, explicáveis por autosugestionamento. Buscando sinceramente a verdade, pôs-se a investigar, e encontrou uma verdade mais surpreendente do que esperava. Milagre e experiências místicas são dois assuntos que o prêmio Nobel de medicina trata no quarto capítulo de seu livro [6], quando fala das potencialidades da mente humana.

“The author knows that miracles are as far from scientific orthodoxy as mysticity. [...] But *science has to explore the entire field of reality*. He has attempted to learn the characteristics of this mode of healing, as well as of the ordinary modes. He began this study in 1902, at a time when the documents were scarce, when it was difficult for a young doctor, and *dangerous for his future career*, to become interested in such a subject. Today, any physician can observe the patients brought to Lourdes,

and examine the records kept in the Medical Bureau. Lourdes is the center of an International Medical Association, composed of many members.” [6]

Não é incomum que mesmo o testemunho de um milagre não seja suficiente para levar uma pessoa a uma conversão definitiva. Muitos até preferem esquecer o inesquecível. De fato, a vida de Carrel foi marcada por uma profunda divisão a respeito deste milagre e de outros milagres que presenciou. Ainda assim, talvez até por ter nascido dentro da tradição católica, era mais fácil para Carrel não descartar os fatos extraordinários que testemunhara em Lourdes, santuário católico mariano, e *não se furtar à tarefa de explorar toda a realidade, apesar de isto trazer riscos à sua carreira*. Ainda que de forma bastante breve, Carrel descreve parte do que observou em Lourdes no mesmo capítulo citado.

“It was generally admitted, not only that miracles did not exist, but that they could not exist. As the laws of thermodynamics make perpetual motion impossible, physiological laws oppose miracles. Such is still the attitude of most physiologists and physicians. However, in view of the facts observed during the last fifty years this attitude cannot be sustained. The most important cases of miraculous healing have been recorded by the Medical Bureau of Lourdes. [...] The process of healing changes little from one individual to another. Often, an acute pain. Then a sudden sensation of being cured. In a few seconds, a few minutes, at the most a few hours, wounds are cicatrized, pathological symptoms disappear, appetite returns. Sometimes functional disorders vanish before the anatomical lesions are repaired. The skeletal deformations of Pott’s disease, the cancerous glands, may still persist two or three days after the healing of the main lesions. The miracle is chiefly characterized by an extreme acceleration of the processes of organic repair. There is no doubt that the rate of cicatrization of the anatomical defects is much greater than the normal one. The only condition indispensable to the occurrence of the phenomenon is prayer.” [6]



Figura 12: Alexis Carrel

Contudo, a descrição mais interessante do primeiro milagre testemunhado se dá no livro póstumo de Carrel [9], que descreve vários detalhes a respeito do milagre testemunhado em 28 de maio de 1902. Se o livro não se preocupa em ser um relato científico, já que era destinado ao grande público, é bastante factual a respeito da cura milagrosa de Marie Bailly, doente terminal da peritonite tuberculosa que havia contraído a cerca de nove meses, como desenvolvimento da tuberculose pulmonar que enfrentava desde 1898. A doença era incurável àquela época, anterior à descoberta da penicilina feita por Alexander Fleming, bacteriologista do St. Mary’s Hospital de Londres, após a sucessão de acidentes e coincidências que formaram o primeiro antibiótico identificado pelo homem em 1928. Na versão portuguesa do livro de Carrel, podemos ler uma passagem da descrição do milagre:

“Deviam ser quatro horas. O que acabara de presenciar era o inesperado, o impossível, o milagre! O que se passara era simplesmente esta coisa espantosa: uma rapariga moribunda estava ali quase curada. Ignorava ainda o estado das lesões, mas uma melhoria funcional — milagrosa — se produzira ali à sua própria vista. Esta é que era a verdade. E com que simplicidade aquilo acontecera! Só ele e a senhorita d’O estavam no segredo do fenômeno maravilhoso.” ([8], p.71)

Ainda no mesmo texto, às páginas de 54 a 56, é feita uma descrição do exame clínico feito por Carrel pouco antes de Marie Bailly ser conduzida à piscina cuja água lhe traria a cura. Carrel sintetiza seu diagnóstico e prognóstico:

“É uma peritonite tuberculosa, já no último período da sua evolução. [...] Daqui à morte, não vão grandes passos, poderá viver mais uns dias, mas isto é caso perdido.” ([8], p.55-6)

Mesmo que Carrel fosse testemunha de um milagre, ainda vai transcorrer a maior parte da sua vida até que viva de fato uma conversão. Já logo a seguir, procura certificar-se de seu diagnóstico tinha sido correto.

“Teve tuberculose pulmonar e hemoptises... Depois os médicos e os cirurgiões julgaram estar em presença de uma peritonite tuberculosa. E, em verdade, outra hipótese não poderia ser formulada, quando se lhe fazia a apalpação do ventre. Se eu não tivesse registrado as observações feitas, diria que a memória me estava atraindo. Não pode haver dúvidas: o ser estado era muitíssimo grave. E a verdade é que ela se curou...” ([8], p.78)

Ainda assim foi sério em sua busca. Não ignorou os fatos que presenciou. Carrel passa a maior parte da vida procurando explicações científicas ao caso. A introdução feita por Stanley L. Jaki à reedição de 1994 do livro de Carrel [31], acrescenta várias informações ao caso. Jaki, que recebeu o prêmio Templeton de 1987 por seu trabalho em unir a ciência e a religião, agrega também várias informações colhidas no dossier 54 dos Arquivos do Centro Médico de Lourdes que trata do caso da cura de Marie Bailly. O dossier contém observações de Carrel dadas ao centro médico nos dias do milagre, bem como informações obtidas de outros médicos que antes a trataram, além de carta de Marie Bailly colhida por Carrel em novembro de 1902 e depositada por ele mesmo no centro médico de Lourdes. Entre as notas de Carrel, encontram-se descrições detalhadas tomadas em sete momentos entre 14:20hs e 19:30hs do dia 28. No dia 29, às 6:30hs, a condição geral da paciente foi descrita como perfeita. Conforme relata Jaki, talvez o fato mais determinante à reconciliação de Carrel com a fé católica de sua infância foi o encontro em 1937 com Dom Alexis Presse, um monge que estava refundando um mosteiro trapista na Bretanha, na França. Se a condição identificada por

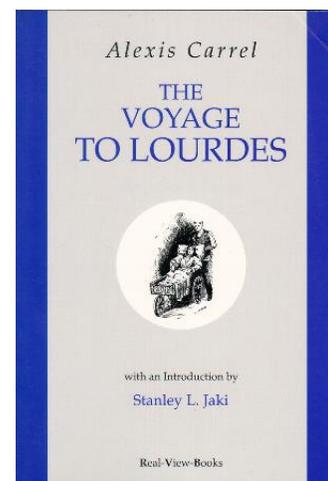


Figura 13: Relato feito pelo prêmio Nobel de medicina Alexis Carrel a respeito de milagre testemunhado em Lourdes.

Carrel para a ocorrência de um milagre era a oração, como vimos a pouco em seu livro [6], para que o milagre da sua própria união com o Mistério fosse possível, foi necessário mais que os dois milagres que testemunhou de perto, em 1902 e em 1910. Foi necessário um encontro com um homem como o monge Alexis Presse, que sendo educado à oração, vivia esta união ele mesmo com o Mistério a tal ponto de ser chamado por Carrel de um verdadeiro santo.

“ ‘This new encounter with monks will do me more harm than good.’ Carrel was very much mistaken. He came away from the visit with the impression, to quote his very words, that he had ‘made the acquaintance of a true saint, a sort of founder of a religious order like saint Bruno.’ ” ([31], p.34)

São Bruno, citado por Carrel como termo de comparação a respeito de Alexis, decidiu fundar a austera ordem monástica da Cartuxa¹ nas cercanias de Grenoble e Lyon, depois que viveu uma experiência de conversão diante de um milagre.

Discriminação religiosa, totalitarismo anticientífico

Se um grande cientista como Alexis Carrel, prêmio Nobel de Medicina tem dificuldade em relatar um milagre testemunhado é porque, como ele mesmo disse em seu livro, isto põe em risco sua própria carreira científica. A cientistas que compartilham da mesma fé de Julian Huxley de que a crença em milagres é anticientífica, e que também vivem a mesma orientação que nortearia a UNESCO em garantir que certos tipos de homens devam ser barrados de certos postos,

“we shall then be enabled to lay down that certain types of men should be debarred from holding certain types of positions.” ([27], p.20)

nada mais lógico que barrar homens anticientíficos de postos científicos! Carrel já a sua época experimentou esta *discriminação religiosa* em sua própria pele, discriminação defendida por uma opção totalitária como a defendida por Julian Huxley na carta filosófica que nortearia a ciência, educação e cultura nos últimos 60 anos. Discriminado menos por suas crenças religiosas privadas, mais por relatar publicamente o milagre testemunhado, ainda que o próprio Carrel se pusesse então a fazê-lo de forma velada. Carrel não usava o termo milagre, por exemplo. Foi esta discriminação a razão que o levou para emigrar para os Estados Unidos após o milagre que testemunhou ter adquirido fama em Lyon, e Carrel se vir obrigado a defender-se nos jornais. Sem querer se comprometer, *Carrel defende o que viu, não compactua com a fraude, não renuncia à verdade testemunhada nem à ciência dela*, ainda que suas observações o desconcertassem.

Carrel também não se limita a confinar o objeto de estudo apenas àquilo que sabe medir. Do contrário, a ciência mesma se torna míope, reduz a realidade à sua própria medida. Um olhar amplo à realidade é necessário. Como lembrou Aldous Huxley,

a respeito do significado da realidade, nós não conhecemos porque não desejamos conhecer.

¹Cuja vida quotidiana é feita no documentário *O grande silêncio/Into great silence*, Philip Gröning, 1997.

De uma forma ou de outra, quem toma a opção de não procurar o significado da realidade, o faz por *conveniência*, ele mesmo dizia. Assim, condenamo-nos à ignorância de nosso próprio destino. Condenamo-nos a uma visão míope da realidade. Condenamo-nos ao erro e renunciamos à busca da verdade. Nos tornamos anticientíficos, porque rejeitamos a ciência da realidade toda. Em seu livro [7] existe um pensamento muito famoso de um cirurgião famoso como Carrel:

“Peu d’observations et beaucoup de raisonnements conduisent à l’erreur. Beaucoup d’observations et peu de raisonnements conduisent à la vérité.”

Pouca observação e muito raciocínio conduzem ao erro. Muita observação e pouco raciocínio conduzem à verdade. Fruto do racionalismo que permeia a nossa cultura, fruto da visão e das políticas daqueles que têm guiado a ciência já há muito tempo, a ciência, o conhecimento, vem sendo muito mais instrumento de manipulação da realidade, da sociedade, de poder, que propriamente de contemplação da realidade, e dos milagres nela presentes que gritam seu significado último. Parte de um poder totalitário e discriminatório em relação às “anticientíficas” testemunhas de milagres é a política deliberada de alijar certas pessoas de certas posições.

Milagres para todos

Como fez Carrel, ainda que a muitas custas, é necessário ao cientista de hoje ter a coragem de se debruçar sobre toda a realidade. E com competência e sinceridade relatá-la. Do contrário, a ciência se conformará a uma métrica cada vez mais míope. Também nós temos a possibilidade de poder relatar um milagre por nós testemunhado. Mais que uma possibilidade, uma responsabilidade. Como Carrel, também nós nos sentimos há um certo momento receosos de termos nos enganado em nosso diagnóstico. Como já mencionamos na introdução, em carta privada [15] escrita a amigos próximos em 11 de julho de 2008 e tornada pública a 19 de setembro do mesmo ano, fazemos um relato razoavelmente detalhado de alguns milagres por nós testemunhados. Apresentamos inclusive a foto de alguns nós que espontaneamente surgiram num cordão que foi guardado em ambiente controlado (vide Figura 1). Se cada um dos três nós assinalados tem uma história própria, a história de cada um tem um denominador comum: o nó em questão não existia; o cordão foi guardado em ambiente controlado; quando o cordão foi novamente inspecionado, o novo nó se mostrou presente.

Além da dúzia de nós espontâneos que apareceram nos anos de 2004 e 2005, período que para nós poderia ser comparado talvez ao período de 46 a 48, descrito nas cartas de irmã Teresa de Calcutá como aquele de uma intimidade intensa com o Mistério, experimentamos um hiato, um silêncio de Deus, uma noite escura talvez se pudesse lembrar, nos anos de 2006 e 2007. Apesar de pedirmos ao Mistério, rezarmos, desejarmos, aquelas manifestações que já tanto nos agradavam cessaram. Qual um relacionamento afetivo, o milagre depende da liberdade de um outro, de um Outro. E durante estes dois anos, o Outro se calou. Muitos de nós, como irmã Teresa experimentou de forma mais sofrida por onze anos, faz a experiência deste silêncio. Como ela, também fomos buscar às fontes, aos relatos de homens que testemunharam o Mistério, a manifestação do Mistério que procurávamos. Atentos aos sinais, pedindo, atentos aos relatos destas testemunhas, atentos principalmente à nossa própria consciência, sem renunciar ao desejo, reencontramos os milagres,

e a manifestação efusiva do Mistério. O nó assinalado como **COMUNICAÇÃO**, bem mais efusivo que os nós de costume, reapareceu depois que entendemos que era necessário comunicar o que estava na parte final daquela carta, uma tarefa da qual vínhamos nos esquivando. Ainda diversos outros nós têm surgido de quando em quando, inclusive depois da publicação da referida carta.

Conclusão

O prognóstico de Wolfgang Pauli, de que aquela separação entre conhecimento e fé iria terminar em lágrimas se consumou muito mais rapidamente do que se poderia esperar. Se os horrores inimagináveis se manifestaram com a ascensão do Nazismo, as lágrimas ainda não terminaram, já que mesmo depois de Hitler as mesmas pretensões eugênicas vem sendo executadas paulatina e mais discretamente por aquela ínfima minoria capaz de moldar a mente pública, como já nos descreveu Bernays. Ademais, esta separação só vem se aprofundando desde 1927 para cá.

John D. Rockefeller III, que já foi o homem mais rico do mundo e patrão de Carrel enquanto este viveu em Nova Iorque, foi ativo apoiador da eugenia. Criou em 1952 o “Population Council” e colocou em sua liderança o eugenista Frederick Osborn, líder da “American Eugenics Society”, e que foi vice-presidente ou presidente do conselho até 1959. Em 1954, Osborn fundou a revista científica “Eugenics Quarterly”. Se o nazismo veio a difamar a eugenia, em 1968, Osborn escreveu em livro [35] que as teses da eugenia prevaleceriam sob um outro nome (“Eugenic goals are most likely to be attained under another name than eugenics”). Em 1970, a revista “Eugenics Quarterly” foi rebatisada para “Social Biology”. Entre tantas ações, o “Population Council” patrocinou o desenvolvimento de diversos métodos de controle de natalidade desde que foi criado, inclusive mais de 70 tipos de DIU, bem como a difusão do aborto. A própria aprovação do aborto nos EUA em 1973 e o relatório Kissinger [32] em 1974 (somente tornado público em 1986), difundindo métodos contraceptivos e esterilização nos países do terceiro mundo, confirmam os prognósticos de Osborn, bem como revelam que a filosofia assinada por Julian Huxley na carta filosófica por ele preparada para a UNESCO e Alex Carrel em seu livro de 1935 vem sendo aplicadas em nossa cultura.

Esta crença nas metas da eugenia, ainda que com outro nome, que tanto vem guiando a UNESCO e os órgãos máximos da ciência, educação, cultura e meios de comunicação é uma crença no desamor como condição para alcançar o progresso evolutivo desejado. Dado que esta política de separação entre o conhecimento e a fé, entre a ciência e a religião, ainda não havia chegado a seu ápice, como hoje, horrores inimagináveis maiores que aqueles testemunhados por Victor Frankl e previstos por Heisenberg e Pauli ainda nos aguardam. Sem o amor, ainda que tantas vezes seja corrompida esta palavra, mas bem sabemos quando fazemos uma experiência de sermos amados, não há evolução possível. Se Julian Huxley pôde quem sabe de alguma forma rever suas posições, depois da amizade com Chardin, não podemos infelizmente dizer o mesmo por parte daqueles que lhe colocaram na posição de poder que assumira antes.

Tal como com tantos (inclusive irmã Teresa de Calcutá) que dentro de sua experiência de oração tiveram a oportunidade mística de se comunicar com o Mistério em via de mão dupla, vemos na parte final de nossa carta antes mencionada [15] que é o próprio Mistério que faz uso de um de nós, tal como tantos de nós, para se comunicar a todos. Quando a ética herdada de tantas

tradições religiosas cai feito um castelo de cartas como denunciou Wolfgang Pauli, até porque não poucos se arrogam a tarefa de remodelar qual deve ser o pensamento ético das massas, como já denunciou Bernays e Bertrand Russell, o Mistério mesmo toma a iniciativa de se comunicar a todos, e a todos dizer que a verdadeira evolução está às portas [15]. Nesta evolução, os fortes serão naturalmente selecionados. Mesmo que caiam mil à direita e mil à esquerda, o forte é aquele que permanece de pé, aquele exemplar da espécie humana mais adaptado a uma nova civilização, civilização esta fundada como reconheceu Julian Huxley em 1958, no Amor. A lei de ouro, doada misteriosamente a todas as grandes tradições religiosas no mundo, aquela de amar a Deus acima de tudo e ao próximo como a si mesmo, é o resumo misterioso de todas as leis infundidas nas culturas e no coração de cada homem.

Se a humanidade ainda possui tanta dificuldade em convergir para esta evoluída civilização, é por falta de autocrítica de cada homem, é por falta de ciência a respeito de si mesmo primeiramente, ciência a respeito de quem lhe é mais próximo. O exemplo de paz dado pela família de hindus que compartilha sua miserável porção de arroz com a família muçulmana relatado por irmã Teresa de Calcutá, prêmio Nobel da Paz de 1979, é mais um exemplo que o Amor e a Paz são possíveis. Sem aceitar a parte de sacrifício² que cabe a si porém, o que vemos e veremos é o desamor, o que veremos é a realização de mais uma utopia. Veremos o progresso evolutivo apregoado pela filosofia da qual Julian Huxley foi porta-voz em 1946, alçado a critério de comparação último de qualquer política educacional, científica e cultural. É de se perguntar se este mesmo progresso evolutivo, como síntese das metas da eugenia, não terá sido deificado, para usar termo que Aldous Huxley bem disse a respeito de tantas ideologias de nossos tempos:

“Essentially all the new moralities, Communist, Fascist, Nazi, or merely Nationalist, are singularly alike. All justify that the end justifies the means; and in all the end is the triumph of a section of the human species over the rest. All justify the unlimited use of violence and cunning. All preach the subordination of the individual to a ruling oligarchy, deified as ‘the State’.” ([25], p.283)

Se a inteligência parecia não ter faltado a Aldous, talvez tenha faltado uma coincidência, um simples acaso, como aquela sequência de acasos que levaram à descoberta da penicilina, acasos que bem poderiam ter mudado o rumo de sua vida, quem sabe até levando-o a uma unidade inimaginada entre o eu e o cosmos. De alguma forma, é para pessoas como Aldous que estas palavras são aqui escritas. São escritas por alguém que aprendeu a ter em mente (e porque não dizer também no coração) os irmãos Huxley, mas também o restante da família, inclusive a fraternidade à qual pertenciam. A eles era ainda mais difícil que a Carrel dar o devido nome a um milagre como o de Lourdes. Se por um lado estamos já diante de horrores antes inimagináveis [16, 17], ainda que desconhecidos da maioria, mas que podem sim ser minimizados com boa ciência [20, 39] (fruto de uma autêntica e sincera busca da verdade, fruto de mais observação da realidade toda e menos raciocínio e ideologia [12, 34]), com boa educação e boa informação (difundidas com responsabilidade, como por exemplo se pode ver [1, 2, 11]), com coragem para lutar contra a fraude [10, 38, 5, 4] é possível já a cada um experimentar o milagre da mudança em si mesmo e em seu entorno. A quem permanecer de pé,

²Sobre o valor do sacrifício aceito e bem vivido, bem como do valor que ele pode adquirir, além do valor do próprio diálogo religioso, referimos o leitor a <http://www.ime.usp.br/~alair/FilomenaAndTheKing/Oferecimento/>

não está longe o dia em que o próprio Mistério, que o Infinito, se deixará ser medido por todos com régua e compasso...

De antemão agradeço a todos que compõe a história deste texto. Agradeço de antemão a todo aquele que julgando minimamente relevantes estas palavras, mesmo que não venha a concordar integralmente, se puser a difundi-las da forma que pode. A difusão da boa informação é uma das melhores armas que nos resta. Além de fortalecer a quem nos é próximo, torna-nos mais fortes, merecedores da evolução que nos aguarda. É de se louvar, a este respeito, a fortaleza e a serenidade com que podemos ver nas entrevistas dadas pelo cineasta judeu-americano Aaron Russo [37] e pela doutora espanhola em saúde pública Teresa Forcades y Vila [29, 17]. Quando irmã Teresa em seu pronunciamento falou das ameaças à Paz [18], usou justamente uma das experiências mais amorosas para descrever a Deus:

“Even if a mother could forget her child, I will not forget you.”

As palavras dadas pelo salmista ao povo de Israel, são dadas também a todas as nações, como promessa feita por Deus a Abraão e a tantos outros que tiveram a felicidade de receber uma simples forma que lhe comunique a revelação do Mistério.

Referências

- [1] Fluoride Alert. Statement calling for end to fluoridation worldwide. <http://www.fluoridealert.org/>, 2010. PROFESSIONALS’ STATEMENT: 3,204 Medical, Scientific, and Environmental Professionals Sign Statement Calling for End to Fluoridation Worldwide.
- [2] Architects and Engineers for 9/11 Truth. <http://www.ae911truth.org>, 2010. 1373 verified architectural and engineering professionals and 10331 other supporters have signed the petition for a truly independent investigation.
- [3] Edward Bernays. *Propaganda*. Horace Liveright, New York, 1928.
- [4] Christopher Bryson. A fraude do fluor (entrevista em 4 partes). DVD não legendado disponível em <http://www.fluoridealert.org/bryson.htm>, 2006. Entrevista legendada: <http://www.youtube.com/watch?v=79711F5yMjA>, <http://www.youtube.com/watch?v=Hlc3u30S0F4>, <http://www.youtube.com/watch?v=r7HxNMynCZ>, e <http://www.youtube.com/watch?v=CGCoBxF17q0>.
- [5] Christopher Bryson. *The Fluoride Deception*. Seven Stories Press, New York, 2006.
- [6] Alexis Carrel. *Man the unknown*. Harper & Brothers, New York, 1935.
- [7] Alexis Carrel. *Réflexions sur la conduite de la vie*. Éditions Plon, Paris, 1950.

- [8] Alexis Carrel. *Milagres de Lourdes*. Editora Educação Nacional, Porto, 1958. Tradução de Le Voyage de Lourdes feita por Jorge Madureira.
- [9] Alexis Carrel. *The Voyage to Lourdes*. Real View Books, 1994. Introduction By Fr. Stanley L. Jaki. ISBN 0-9641150-2-6.
- [10] Robert J. Carton. Corruption and Fraud at the EPA. <http://sonic.net/kryptox/politics/carton.htm>, July 28 1995.
- [11] CASmadri. Una reflexión y una propuesta en relación a la nueva gripe. <http://www.casmadrid.org/index.php?idsecc=noticias&id=1522&titulo=NOTICIAS>, 2009.
- [12] John Colquhoun. Why I changed my Mind about Water Fluoridation. *Perspectives in Biology and Medicine*, 41(1), Autumn 1997. Copy available at <http://www.fluoridation.com/colquhoun.htm>.
- [13] Charles Darwin. *On the Origin of Species by Means of Natural Selection*. John Murray, London, 1859.
- [14] Pierre Teilhard de Chardin. *The phenomenon of man*. Collins, London, 1959.
- [15] A. Pereira do Lago. A Vinda de Filomena e a Vinda do Rei, 2008. Carta escrita a amigos, publicada em <http://www.ime.usp.br/~alair/FilomenaAndTheKing>.
- [16] A. Pereira do Lago. Computer's EveryWare. Publicada em <http://www.ime.usp.br/~alair/FilomenaAndTheKing>, 2010.
- [17] A. Pereira do Lago. Vacinascontaminadas/. Publicada em <http://www.ime.usp.br/~alair/FilomenaAndTheKing>, 2010.
- [18] Tore Frängsmyr and Irwin Abrams, editors. *Nobel Lectures, Peace 1971-1980*. World Scientific Publishing, Singapore, 1997. http://nobelprize.org/nobel_prizes/peace/laureates/1979/teresa-lecture.html.
- [19] Viktor Emil. Frankl. *The Doctor and the Soul: From Psychotherapy to Logotherapy*. Vintage Books, New York, 1986.
- [20] Niels H. Harrit, Steven E. Jones Jeffrey Farrer, Kevin R. Ryan, Frank M. Legge, Daniel Farnsworth, Gregg Roberts, James R. Gourley, and Bradley R. Larsen. Active thermitic material discovered in dust from the 9/11 world trade center catastrophe. *The Open Chemical Physics Journal*, 2, 2009. {<http://www.bentham-open.org/pages/content.php?TOCPJ/2009/00000002/0000%0001/7TOCPJ.SGM>}, .
- [21] Werner Heisenberg. Science and religion. http://www.edge.org/3rd_culture/heisenberg07/heisenberg07_index.html, 1958.
- [22] Werner Heisenberg. *Physics and beyond: encounters and conversations*. Allen & Unwin, London, 1971. German original written in 1958. Translated by Arnold J. Pomerans.

- [23] Oliver Wendell Holmes. Superintendent of state colony epileptics and feeble minded. U.S. Supreme Court decision, 1927. 274 U.S. 200.
- [24] Aldous Huxley. *Brave New World*. Chatto & Windus, London, 1932.
- [25] Aldous Huxley. *Ends and means: an enquiry into the nature of ideals and into the methods employed for their realization*. Readers Union and Chatto & Windus, London, 1937.
- [26] Julian Huxley. *Evolution: The Modern Synthesis*. George Allan & Unwin, London, 1942.
- [27] Julian Huxley. *UNESCO: ITS PURPOSE AND ITS PHILOSOPHY*. Frederick Printing co, London, 1946. <http://unesdoc.unesco.org/images/0006/000681/068197eo.pdf>.
- [28] Laura Archera Huxley. *This timeless moment: a personal view of Aldous Huxley*. Farrar, Straus, & Giroux, New York, 1968.
- [29] Teresa Forcades i Vila. CAMPANAS - OS SINOS DOBRAN PELA GRIPE A - PORTUGUES. Entrevista disponível em vários lugares, como <http://www.vimeo.com/7965935>, Setembro 2009.
- [30] Forrest M. Mims III. Meeting doctor doom. *The Citizen Scientist*, 2006, March 31st. http://www.sas.org/tcs/weeklyIssues_2006/2006-04-07/feature1p/index.html.
- [31] Stanley L. Jaki. Miracles and the nobel laureate, November 1994. <http://www.ewtn.com/library/MARY/VOYLOUR.htm>.
- [32] Henry Kissinger. Implications of worldwide population growth for U.S. security and overseas interests (the Kissinger report). In *National Security Study Memorandum*, volume NSSM 200. US Government, December 10, 1974. <http://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76ve14p1/media/pdf/d121.pdf>.
- [33] Nobel Lectures. *Physiology or Medicine 1963-1970*. Elsevier Publishing Company, Amsterdam, 1972. http://nobelprize.org/nobel_prizes/medicine/laureates/1963/huxley-bio.html.
- [34] Dr. Hardy Limeback. Why I am now officially opposed to adding fluoride to drinking water. University of Toronto, <http://www.nofluoride.com/presentations/Limeback.pdf>, April 2000.
- [35] Frederick Henry Osborn. *The Future of Human Heredity*. Weybright & Talley, New York, 1968.
- [36] Bertrand Russel. *The Impact of Science on Society*. Allen and Unwin, London, 1952.
- [37] Aaron Russo and Alex Jones. Aaron Russo, entrevista dada a Alex Jones. <http://www.youtube.com/watch?v=8WNO3FMUuWA>, January, 31 2007. legendado, em português, 10:40.

- [38] Philip R.N. Sutton. *The Greatest Fraud: Fluoridation*. Factual Book, Kurunda Pty., Ltd., Lorne, Australia, 1994. Chapter 10 available at <http://www.fluoridation.com/sutton.htm>.
- [39] Q. Q. Tang, J. Du, H. H. Ma, S. J. Jiang, and X. J. Zhou. Fluoride and children's intelligence: a meta-analysis. *Biological trace element research*, 126(1-3):115–120, 2008. <http://dx.doi.org/10.1007/s12011-008-8204-x>.
- [40] Teresa and Brian. Kolodiejchuk. *Come be my light: the private writings of the Saint of Calcutta*. Doubleday, New York, 2007.
- [41] Andrea Tornielli. It is Jesus to whom we do everything. *Traces*, May 2003. Comunión and Liberation International Magazine — <http://www.traces-cl.com/may03/itisjesus.html>.